

PARÁBOLAS E PARABÓLICAS . Nuno Crato

Os 100 anos de Ruy Luís Gomes

A Sociedade Portuguesa de Matemática tem viva a memória de um associado ilustre, um dos mais ilustres que se orgulha de ter tido nas suas fileiras. Foi um professor respeitado na Universidade do Porto. Um homem que fez conferências por todo o país e por várias universidades do mundo. Um mestre recordado com carinho em Portugal e no Brasil. E mais do que um mestre, um investigador activo e um promotor incansável da cultura matemática e da investigação matemática.

Ruy Luís Gomes, pois é evidentemente dele que falamos, foi um matemático, mas foi também um resistente tão respeitado que a oposição ao regime de Salazar o escolheu como candidato à presidência da República. No entanto, ao contrário do que se poderia esperar de um homem politicamente tão activo, a sua actividade científica foi continuada, séria e profunda. Os seus trabalhos são ainda hoje citados nas bases de dados internacionais. Os seus livros são ainda hoje lidos.

Os que o conheceram tinham por ele uma imensa admiração. E os que com ele privaram, como acontece com alguns matemáticos ainda activos, recordam-no com respeito e carinho. Este homem, que por alturas do 25 de Abril encarnava, para muitos, a figura do intelectual impoluto resistente, era certamente uma figura maior da vida política e da cultura portuguesa. Foi um dos associados mais ilustres da S.P.M. e um associado que não punha obstáculos a dar o seu nome e a sua colaboração em empreendimentos que para a sua estatura eram modestos. Um dos mais significativos achados recentes foi a sua assinatura nos registos da S.P.M., assumindo ele, já depois do 25 de Abril, a responsabilidade da direcção regional norte. A Sociedade homenageou-o em 5 de Dezembro passado, na altura dos 100 anos do seu nascimento.

Ruy Luís Gomes nasceu no Porto em 5 de Dezembro de 1905, filho de António Luís Gomes, um político da primeira república. Dedicou-se muito cedo ao estudo, onde revelou uma extraordinária capacidade para o raciocínio matemático. Licenciou-se na Universidade de Coimbra, onde se doutorou logo depois, em 1928, com 22 anos. No seu doutoramento analisou problemas de mecânica e manteve sempre o gosto pela física-matemática.

Deslocou-se para a Universidade do Porto, onde entrou como Assistente de Álgebra Superior e de Geometria Projectiva, regendo depois a cadeira de Física-Matemática. Em 1933, com 28 anos, atingiu o lugar de catedrático. Pouco a pouco, entrou em contacto com alguns grandes cientistas do mundo, a quem deu a conhecer os seus trabalhos.

Louis de Broglie (1892-1987), a quem tinha enviado um dos seus artigos, refere-se-lhe numa lição na Sorbonne. Um bolsheiro português presente toma nota. De volta ao país, relata o facto a matemáticos de Lisboa que desconheciam a existência desse activo colega portuense. Ruy Luís Gomes é convidado a vir a Lisboa proferir uma série de conferências sobre a Teoria da Relatividade, que têm lugar em 1937. Mais tarde, essas conferências seriam reunidas no volume *Relatividade Restrita*.

Em Portugal nascia na altura uma nova geração de matemáticos que fervilhavam de ideias, projectos e actividades. Animados por Aniceto Monteiro e outros, começaram a organizar-se. Em 1936 criava-se em Lisboa o Núcleo de Matemática, Física e Química. No ano seguinte fundava-se a revista *Portugaliae Mathematica*. Um ano depois surgia o Centro de Estudos de Matemáticos Aplicados à Economia. Em 1940 seria fundada a Sociedade Portuguesa de Matemática.

Do contacto entre Aniceto Monteiro e Ruy Luís Gomes

nasceria a ideia de criar também no Porto um centro de matemática. O objectivo era reunir condições para o trabalho de investigação, mas também fazer com que os jovens interessados começassem a tomar contacto com as matemáticas modernas. É célebre uma missiva da época em que Monteiro escreve «O Ruy podia já fundar o Núcleo de Matemática aí no Porto. Não há tempo a perder.» Ruy Luís Gomes não perdeu tempo. Em 1941 o núcleo estava formado.

Uma das ideias que essa geração procurou introduzir no país foi a do trabalho colectivo em matemática, promovido através de seminários para troca de ideias, conferências, cursos breves, centros de estudo e investigação e sociedades científicas. Outra das ideias dessa geração foi a da aliança sistemática entre o ensino e a investigação, deixando os professores de ser meros transmissores das teorias aprendidas através dos compêndios estrangeiros e passando a ser agentes activos da investigação. A grande preocupação de Ruy Luís Gomes e dos seus companheiros era que os matemáticos portugueses se tornassem parceiros do esforço internacional para o progresso das ciências.

No Porto, Ruy Luís Gomes teve alguns anos de vida científica muito activa. Tão activa quanto as condições da guerra o permitiam. Mas entre 1946 e 1947 o governo desencadeou uma ofensiva contra todos os que nas universidades se opunham à política de Salazar. Como se

sabe, muitos dos jovens matemáticos foram perseguidos e expulsos. Ruy Luís Gomes foi preso várias vezes por ter aderido ao Movimento de Unidade Democrático (MUD), sendo demitido da Universidade em 1947.

Nos anos que seguiram, dedicou-se à vida política, tendo sido escolhido em 1951 como candidato da oposição às eleições para a Presidência da República. No entanto, o regime impediu-o de concorrer, o que constituiu, segundo o próprio ironizava, a única reprovação da sua vida.

Entretanto, as condições de vida no país tornavam-se cada vez mais difíceis. Na esteira de Aniceto Monteiro e de outros matemáticos portugueses emigrou para a América do Sul, tendo estado em Bahia Blanca, Argentina, e depois no Recife, Brasil, onde criou uma escola matemática e onde deixou raízes que ainda hoje perduram.

Só após o 25 de Abril regressaria ao país. A Universidade que servira nomeou-o reitor, mas a idade pesava e no ano seguinte passou à reforma. Assistiu ainda ao reviver da Sociedade Portuguesa de Matemática e viu serem criados ou renovados núcleos de investigação pelo país, entre os quais o Centro de Matemática da sua universidade, e ser reeditada a *Portugaliae Mathematica*, revista para que tanto contribuiu. Teria muitas razões para ver sucesso em objectivos a que tinha dedicado a existência, mas nos seus últimos anos levou uma vida discreta. Faleceu em 1984 na cidade que o vira nascer.

Einstein foi uma espécie de pirilampo, uma das raras pessoas a possuir luz própria num século onde a maioria tacteava no escuro.

Jorge de Sousa Braga
(publicação gentilmente autorizada pelo autor)